

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA CLÍNICA

GLAUCE ALVES PEREIRA

**O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO UM POSSÍVEL
DISPOSITIVO DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

SÃO CARLOS-SP

2024

GLAUCE ALVES PEREIRA

**O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO UM POSSÍVEL DISPOSITIVO DE
CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Gestão da Clínica da
Universidade Federal de São Carlos,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Gestão da Clínica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Larissa C. M.
Barbosa
Co Orientador: Prof^a. Dr^a Luciana Nogueira
Fioroni

São Carlos - SP
2024

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a Giovana Alves Rabello, minha filha, que mesmo tão pequena se fez presente em todos os momentos desta construção me divertindo, apoiando e trazendo a leveza de uma criança para este processo intenso de crescimento.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, acima de tudo, pelas oportunidades concedidas a mim, por ter sido meu alicerce nos momentos de fraqueza e minha força para concretizar esse desejo.

A minha família, amigos e todos aqueles que torceram por essa conquista, pois, todos foram fundamentais neste meu processo.

Em especial à Tais Bleicher que abriu as portas para que esse caminho de ensino-aprendizado na área acadêmica acontecesse, processo esse que não se resumiu apenas ao meio acadêmico, mas, também, sobre meu processo de crescimento pessoal para a vida. Gratidão.

A minha orientadora, Larissa, por ter me ajudado a enfrentar esse desafio de maneira tão acolhedora, parceira e determinada. Obrigada por ter confiado em mim e acreditado no valor desse projeto.

A minha co orientadora, Luciana, por ter colaborado de maneira tão atenciosa, pontual e clara, sendo fundamental seu olhar.

A toda a equipe de profissionais que compõem o Programa de Pós Graduação em Gestão da Clínica da UFSCar pela oportunidade, compreensão e incentivo para a conclusão deste trabalho.

A PróEx que permitiu a realização do projeto de extensão Plantão Psicológico.

A todos os alunos da graduação de Psicologia que participaram e contribuíram com o desenvolvimento do projeto Plantão Psicológico, vocês foram fundamentais para que todo esse trabalho acontecesse.

E a todos que ofereceram, de alguma forma, suporte para o projeto acontecer e acreditaram neste formato de cuidado com a saúde mental.

RESUMO

Introdução: Diante da expressiva demanda por apoio aos cuidados com o sofrimento psíquico na comunidade universitária e das lacunas presentes na política de saúde mental voltada para esse grupo, tem se observado a necessidade da Psicologia, enquanto área da saúde mental, levar o cuidado ao contexto que o indivíduo está inserido. *Objetivos:* Este estudo objetivou discutir, por meio de um Estudo de Caso, a viabilidade do Plantão Psicológico como um recurso para cuidados com a saúde mental no ambiente universitário. *Metodologia:* Trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa, incluindo a descrição da organização, implementação e evolução de um projeto denominado Plantão Psicológico. *Resultados:* A proposta surgiu a partir de uma demanda específica de um dos departamentos de uma universidade pública federal. Foi utilizado a abordagem psicanalítica como fundamento teórico e prático para estruturar o espaço físico, compor a equipe de trabalho e estabelecer os horários de atendimento, além de analisar e orientar as demandas emocionais emergentes. *Análise dos dados:* Os dados foram analisados a partir da análise temática, considerando 3 momentos: 1. Da proposta à organização do Plantão; momento esse dedicado às necessidades concretas para o funcionamento do Plantão, organização do ambiente e equipe de trabalho, onde a articulação da teoria e prática se fizeram presentes atendendo às orientações éticas para o funcionamento do Plantão Psicológico. 2. A técnica psicanalítica nos atendimentos do Plantão Psicológico; momento em que o olhar esteve voltado para as emergências emocionais, ajudando o indivíduo a perceber a intensidade das emoções emergentes e se apropriarem de si diante da necessidade de encontrar a possibilidade de enfrentamento. 3. Finalização da proposta do Plantão Psicológico; momento em que o projeto esbarrou nas lacunas encontradas nas políticas de saúde, nas necessidades da equipe de plantonistas que participaram do projeto e na falta de conexão do projeto com outros equipamentos de cuidado com a saúde mental do público universitário afetaram a proposta inicial do projeto. *Conclusões:* Observou-se que o Plantão Psicológico, alinhado ao propósito de promover, prevenir e proteger a saúde mental coletiva da comunidade universitária envolvida, pode ser considerado um recurso relevante para o cuidado psicológico desse público. Vale ressaltar a importância da construção de uma rede de apoio junto a outros serviços de saúde mental, no sentido de garantir o cuidado longitudinal.

Palavras chave: Plantão Psicológico, Psicanálise, Universidade, Saúde Mental.

ABSTRACT

Introduction: In face of the significant demand for support in the care of psychological suffering in university community and the gaps in the mental health policy for this group, it has been observed the need for Psychology, as an area of mental health, to take care to the context in which these individuals are placed. *Objectives:* This study aimed to discuss, through a Case Study, the viability of Psychological duty as a resource for mental health care in the university environment. *Methodology:* This is a Case Study, with a qualitative approach, including the description of the organization, implementation and evolution of a project called Psychological Duty (Plantão Psicológico). *Results:* The proposal emerged from a specific demand from one of the departments of a federal public university. The psychoanalytic approach was used as a theoretical and practical foundation to structure the physical space, compose the work team and establish opening hours, in addition to analyzing and guiding emerging emotional demands. *Data analysis:* The data was analyzed using thematic analysis, considering 3 moments: 1. From the proposal to the organization of the duty; this moment was dedicated to the concrete needs for the functioning of the duty, organization of the environment and work team, where the articulation of theory and practice were present, taking into account the ethical guidelines for the functioning of the Psychological Duty. 2. The psychoanalytic technique in Psychological Duty assistance; moment in which the gaze was focused on emotional emergencies, helping the individual to perceive the intensity of emerging emotions and take ownership of the need to find the possibility of coping. 3. Finalization of the Psychological Duty proposal; At a time when the project was confronted with the gaps found in health policies, the needs of the team on duty staff who participated in the project and the project's lack of connection with other mental health care facilities for the university public, affected the project's initial proposal. *Conclusions:* It was observed that the Psychological Duty, aligned with the purpose of promoting, preventing, and protecting the collective mental health of the involved university community, can be considered a relevant resource for the psychological care of this public. It is worth emphasizing the importance of building a support network alongside other mental health services to ensure longitudinal care.

Keywords: Psychological Duty, Psychoanalysis, University, Mental Health.

Lista de Siglas

PNAES - Programa Nacional de Assistência Estudantil

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

MEC - Ministério da educação

SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1 Plantão Psicológico como uma forma de atendimento psicoterapêutico no contexto universitário.....	11
1.2 O início do Plantão Psicológico no Brasil.....	13
1.3 A técnica psicanalítica como possibilidade de cuidado do sofrimento psíquico dos universitários.....	14
2. Justificativa.....	17
3. Objetivo.....	18
3.1 Objetivo Geral.....	18
3.2 Objetivo Específico.....	18
4. Método.....	18
5. Resultados.....	19
5.1 Apresentação do contexto e do caso estudado.....	19
5.2 Descrição do alcance do projeto.....	25
6. Análise e discussão dos dados.....	26
6.1 Momento 1 - Da proposta à organização do Plantão.....	26
6.2 Momento 2 - A técnica psicanalítica no desenvolvimento do Plantão Psicológico.....	31
6.3 Momento 3 - Finalização da proposta do Plantão Psicanalítico.....	33
7. Considerações Finais.....	38
Referências Bibliográficas.....	39

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação constitui-se da investigação sobre a possibilidade do serviço psicoterapêutico, a partir da abordagem psicanalítica, no formato de Plantão Psicológico, ser um dispositivo de cuidado em saúde mental para o público universitário.

Sendo assim, passando por uma breve caracterização de como foi se constituindo o contexto educacional de Ensino Superior no Brasil e os desafios encontrados para manter o público universitário em sua integridade na instituição, nos deparamos atualmente com o sofrimento psíquico dessas pessoas e a necessidade de dispositivos de cuidado, levando essa pesquisa a analisar a possibilidade do Plantão Psicológico, a partir da vertente psicanalítica, como uma possibilidade de oferta de cuidado dentro da Universidade.

Resgatando o contexto histórico sobre o surgimento da Educação Superior no Brasil, a Universidade, a princípio, era centrada na formação da alta sociedade, ou seja, uma educação voltada para a população elitizada. Ao longo do tempo, com o processo e trabalho de redemocratização que aconteceu em toda a década de oitenta, as universidades públicas deixaram de ter a educação voltada para a população da alta sociedade e passaram a atender, em massa, aos estudantes, independentemente de sua classe social. Este movimento demandou o desenvolvimento de políticas que garantissem a permanência do estudante na universidade (CORREIO, 2018).

Apenas no ano de 2010 é que foi instituído o decreto presidencial nº 7.234, declarando o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES (Brasil, 2010). De uma forma resumida, o PNAES sugere ações de Assistência Estudantil que garantam igualdade de oportunidades, com consequente efeito sobre o desempenho acadêmico do estudante (VASCONCELOS, 2010).

Entre os anos de 2007 e 2011, na gestão do governo Lula, o ensino universitário público federal passou por uma reestruturação, na qual a qualidade dos cursos e o aproveitamento dos espaços destinados às instituições e os recursos humanos foram os focos de melhorias (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016). Ainda neste período, no processo de reestruturação do ensino superior, o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI e o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, tinham como principal meta a diminuição da taxa de evasão dos estudantes e a construção de políticas públicas da assistência estudantil (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016).

Segundo Vasconcelos (2010), o PNAES representou uma grande vitória dos movimentos estudantis, pois foram alcançados objetivos relacionados à igualdade das condições de permanência para os jovens na educação superior pública federal.

Bleicher e Oliveira (2016) ressaltam que a atenção à saúde não foi particularmente destacada pelo Ministério da Educação - MEC, entretanto, ela é essencial para alcançar o objetivo do REUNI. Destacam, ainda, que não houve a capacitação dos trabalhadores ligados ao MEC em relação à atenção à saúde dos estudantes universitários, assim como não foram estabelecidas metas ou mecanismos de avaliação dessa política, fazendo com que muitos problemas surgissem em sua implantação. Nesse sentido, apenas alguns gestores atuaram pontualmente no sentido de engendrar discussões sobre ações de promoção e prevenção em saúde, bem como de integração dos serviços à rede municipal pública de Saúde.

Com isso, Bleicher e Oliveira (2016) concluem que há a necessidade de se estabelecer processos de sistematização da política de assistência estudantil para que haja a distribuição adequada de financiamentos e o cumprimento do Decreto 7.234/2010, acerca da atenção à saúde estudantil, em especial para estudantes dos Institutos Federais de Ensino Superior e dos alunos de pós-graduação, que configuram o público contemplado pela política.

Ressaltando que o Decreto 7.234/2010 dispõe sobre o objetivo do PNAES, onde, prevê melhores condições de permanência dos alunos que ingressam no ensino superior das universidades federais, apoio socioeconômico, ações de assistência estudantil que tem como objetivo a promoção de inclusão social e redução das desigualdades no acesso à educação, com o intuito do acesso, permanência e conclusão do ensino superior (BRASIL, 2010),

A partir das circunstâncias voltadas para o contexto universitário, considerando os atributos do estudante e tudo o que por ele é vivido, muitos obstáculos podem ser encontrados nesse longo caminho, o que pode agravar situações de sofrimento psíquico (ARIÑO; BARDAGI, 2018).

Para Ariño e Bardagi (2018), o ambiente universitário pode ser considerado como um espaço fértil para o desenvolvimento da vida pelo fato de trabalhar com inúmeros aspectos, como habilidades e competências pessoais ou profissionais e os modos de vida em um novo contexto, a universidade. Os autores ressaltam que o modo como os universitários vivenciam diferentes situações no contexto universitário pode ser fator constitutivo e gerar circunstâncias de risco nas situações vividas negativamente. Por outro lado, esses autores consideram que tais situações podem ser vividas de maneira positiva, trazendo experiências potentes e transformadoras.

Desta forma, fica clara a necessidade de serem promovidas ações institucionais para instrumentalizar esses estudantes, de preferência logo no momento do ingresso do curso, para favorecer o gerenciamento da vida acadêmica, de modo que eles consigam empregar estratégias de estudo eficazes; organizar a agenda e manejar o tempo de maneira equilibrada e que consigam estabelecer uma rotina de estudo para cumprir prazos e não menosprezar ou negligenciar o cuidado com a saúde, incluindo a qualidade do sono e a garantia das atividades

de lazer e interação social (ARÍÑO; BARDAGI, 2018).

No trecho abaixo, é possível uma maior aproximação com a discussão proposta:

As características da vida acadêmica e relacionais são frequentemente associadas à presença de sofrimento psíquico entre universitários, fatores passíveis de modificação, mostrando a importância do planejamento de intervenções favorecendo o bem-estar dos alunos e vivências mais positivas no ambiente educacional. Violência escolar, trote, bullying, discriminação social entre universitários, estruturas pedagógicas e curriculares dos cursos são aspectos que devem mais profundamente pesquisados, buscando-se compreender sua influência sobre os jovens e seus efeitos negativos na saúde dos mesmos. (GRANER; CERQUEIRA, 2019, p.1.343).

Este cenário indica a necessidade de atuação do psicólogo em busca da intervenção orientada ao cuidado do sofrimento psíquico. Esta, ao longo do tempo, vem sendo redimensionada em virtude das demandas emergentes, ou seja, a necessidade do atendimento psicoterapêutico apropriado para o contexto institucional, no qual as práticas clínicas articulam o cuidado do indivíduo com o ambiente que o cerca. Esse cenário enfatiza que cada vez mais o sofrimento psíquico tem se intensificado no ambiente universitário (CARNEIRO, 2019).

Diante disso, a atuação do psicólogo frente ao sofrimento psíquico apresentado pelos universitários dentro do ambiente universitário tem sido repensada e alternativas de cuidado psíquico implantadas, como o Plantão Psicológico, na tentativa de criar espaço adequado para atender a busca pelo cuidado com a saúde mental desse público.

1.1 Plantão Psicológico como uma forma de atendimento psicoterapêutico no contexto universitário:

No contexto do atendimento psicoterapêutico, o indivíduo expressa um conflito mental com ele mesmo e com a realidade na qual está vivenciando essas situações. Estando em um ambiente acadêmico, no qual o indivíduo se depara com inúmeros fatores que contribuem para a intensificação de seu sofrimento, o espaço para expressar essas vivências é importante para favorecer uma experiência positiva (GRANER; CERQUEIRA, 2019).

Venho me aproximando desta temática, tanto considerando o contexto do atendimento clínico psicoterapêutico privado, quanto através de minha aproximação via realização de Mestrado Profissional em uma Universidade Pública. Essa observação, por sua vez, apontou, juntamente com o que a literatura científica indica, a necessidade de se promover a busca por conhecer e aprofundar a compreensão a respeito do trabalho do atendimento do Plantão Psicológico no contexto universitário, como dispositivo de ajuda e, mais especificamente, as contribuições da Psicanálise para tal dispositivo. Portanto, é nesse momento do Plantão que é propiciado o atendimento psicológico em contexto emergencial, o acolhimento e a escuta qualificada das demandas emocionais emergentes, seguido pela identificação das demandas

mais reiteradamente narradas.

Segundo Lima, Carvalho e Pires (2020), é importante pontuar que nem todas as pessoas que estão em sofrimento psíquico precisam de um acompanhamento psicoterápico, apesar de necessitarem de um suporte profissional que facilite seu processo de auto-organização. Para esses autores, o Plantão Psicológico é uma alternativa eficaz em relação a essa problemática enquanto uma modalidade da clínica psicológica focada no atendimento de demandas emergenciais e urgentes. Os autores destacam que o Plantão Psicológico pode se constituir ainda como um pronto atendimento, ou seja, um espaço de escuta psicológica, acolhimento e intervenção diante de situações de crise. Desse modo, torna-se evidente que o Plantão considera o homem em sua integralidade, sendo este envolvido e concebido a partir de sua própria existência, conforme elucidado no trecho a seguir:

[...] que através do desenvolvimento de seu potencial é capaz de gerar mudanças no seu autoconceito, comportamentos e atitudes. É diante dessa complexidade, que se vê a necessidade de um olhar voltado para as singularidades de cada sujeito, e olhará o indivíduo como detentor do saber sobre si, sobre suas condições de vida, respeitando assim as necessidades deste, bem como seu contexto, realidade e desejo (LIMA; CARVALHO; PIRES, 2020, p. 155).

Para Lapolli e Gomes (2019), a importância da escuta psicológica é que ela é realizada pelo próprio psicólogo, acolhendo-se todo o conteúdo relatado. Entretanto, os autores ressaltam que à medida em que o indivíduo necessitar de uma intervenção com objetivos de psicoterapia, deverá ser encaminhado. Ainda para eles, a escuta psicológica pode ser praticada sob diversos formatos, de modo que essa escuta deve atender todas às características dentro das modalidades de plantão psicológico, aconselhamento e atendimento terapêutico.

Por outro lado, os autores também afirmam que a psicologia, ao visar a compreensão do indivíduo em sua totalidade e singularidade, deve considerar a vida efetiva, porque os afetos fazem parte da sua subjetividade e constituição. Segundo eles, o mais recomendável é ampliar o estudo do Plantão Psicológico a ser oferecido e realizar o aprofundamento das questões que permeiam o exercício do psicólogo enquanto promotor de ações estratégicas para o bem-estar do trabalhador (LAPOLLI; GOMES, 2019).

Como conclusão, os autores trazem que, seja no contexto organizacional, seja em outro campo de atuação, a psicologia possui um importante papel social e científico, o que favorece a abordagem de diversas problemáticas perante aquilo que é considerado . Isso significa que na relação entre psicólogo e indivíduo, as ponderações sobre essas problemáticas poderão ser discutidas por ambos ao mesmo tempo em que a escuta é construída (LAPOLLI; GOMES, 2019).

1.2 O início do Plantão Psicológico no Brasil

Do ponto de vista cronológico, Rachel Léa Rosenberg foi quem iniciou as primeiras escutas clínicas como Plantão Psicológico no Brasil e, por volta do ano de 1969, do público universitário. Esta prática se deu no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), junto com o Professor Oswaldo de Barros Santos, por meio da Psicologia Humanista e da Abordagem Centrada na Pessoa. Foi um ano muito significativo, pois a profissão de Psicólogo se encontrava no início de seu reconhecimento no Brasil e o país enfrentava um momento político delicado (REBOUÇAS; DUTRA, 2010).

Rosenberg é considerada uma profissional de coragem, que questionou e rompeu com o estabelecido para então propor uma nova forma de atendimento psicológico, pautado em uma vivência acadêmica e que compreendeu a criação de projetos como, Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), Grupos nas escolas, a visita de Carl Rogers em seus grupos de trabalho, o Centro de Psicologia da Pessoa, publicação do livro *A Pessoa como Centro*, entre outros. Uma construção de conhecimento e aprendizagem que aconteceu durante 24 anos, com o falecimento precoce de Rachel, aos 55 anos de idade (MORATO, 2008).

Até hoje, outros profissionais tomam o SAP como base para implantação do Plantão Psicológico em outras instituições, como: escolas, hospitais, varas da família, empresas, consultórios, na tentativa de adaptar e adequar os serviços prestados às novas demandas (REBOUÇAS; DUTRA, 2010).

Salienta-se que a atuação clínica do psicólogo não está pautada somente no local, mas sim na ética, podendo desenvolver as atividades em diversos lugares. Desta forma, a prática do Plantão Psicológico vem ao encontro dessa postura, comprometendo-se com a escuta sensível, mesmo sendo em uma única sessão. Não como psicoterapia alternativa ou substituindo-a, mas acolhendo os indivíduos nos momentos necessários, mesmo que pontuais e auxiliando na promoção de saúde. A eficácia estaria no acolhimento do psicólogo e o auxílio na reflexão ao modo como o indivíduo possa lidar com as demandas em questão, já que o intuito não é resolver o problema. Assim, a finalidade do Plantão Psicológico é pautar especificamente nos sofrimentos da pessoa a fim de lidar com suas questões e, a partir de sua relação com o profissional, descobrir as ferramentas necessárias para enfrentá-las (REBOUÇAS; DUTRA, 2010).

Para Ortolan Sei e Bezerra (2019), o estabelecimento de um Plantão Psicológico é indicativo de um local que acolhe as falas das pessoas e acolhe cada uma de suas experiências conforme a escuta dessas experiências. Sendo assim, o Plantão Psicológico pode ser tido nos

parâmetros psicanalíticos nas instituições universitárias a fim de tratar as demandas dos estudantes.

Nessa mesma linha de raciocínio, segundo Brentano, Viana e Evangelista (2022, p.2), o Plantão Psicológico para universitários, como uma prática clínica de atendimento psicológico, tem como objetivo "[...] acolher a experiência do cliente em determinada situação, ao invés de enforçar o seu problema", isto é, acessar possibilidades de novos caminhos para o sofrimento apresentado, com a finalidade de desenvolver a autonomia da pessoa, que busca o atendimento com o seu próprio cuidado. Para esses autores, o Plantão Psicológico na Universidade pode oferecer uma escuta a partir da disponibilidade do aluno-plantonista, para acolher os sofrimentos existenciais que se manifestam na experiência do cliente no momento da procura por atendimento. Assim, ressaltam eles, esse Plantão é revelador dos modos de ser e sofrer da comunidade que habita e transita no território no qual se situa, a comunidade acadêmica.

Em contrapartida, segundo Lima, Carvalho e Pires (2020), é importante pontuar que nem todas as pessoas que estão em sofrimento psíquico precisam de um acompanhamento psicoterápico, apesar de necessitarem de um suporte tradicional que facilite seu processo de auto-organização. Para eles, enfim, o Plantão Psicológico é uma alternativa eficaz em relação a essa problemática enquanto uma modalidade da clínica psicológica focada no atendimento de demandas emergenciais e urgentes.

1.3 A técnica psicanalítica como possibilidade de cuidado do sofrimento psíquico dos universitários

O processo de análise sob a perspectiva da fala e escuta foi construído por Freud, partindo dos primórdios da Psicanálise com o trabalho “Estudos sobre a histeria - 1893 a 1895”, retratando os momentos que contribuíram para os fundamentos terapêuticos psicanalítico (FREUD; BREUER, 1893-1895, 2016).

Ao longo dos anos, o surgimento da psicanálise, suas transformações e ampliações, partiram de inquietações de Freud, iniciadas por volta do ano de 1882 quando começou a trabalhar como assistente clínico no hospital geral de Viena (CARVALHO; HONDA, 2017).

Diante de sua experiência hospitalar como médico neurologista, Freud em 1885 consegue uma bolsa de estudos no Hospital da Salpêtrière em Paris, sob o olhar, do já admirado por ele, Jean-Martin Charcot, médico neurologista francês que vinha inovando os estudos sobre a histeria e se utilizando da hipnose como técnica de cuidado dessa doença. Os fenômenos observados por Freud, neste período de estudo, das pacientes em

acompanhamento, desperta a inquietação em investigar a possibilidade da existência e funcionamento do psiquismo humano (CARVALHO; HONDA, 2017).

Freud, ao longo do desenvolvimento da técnica psicanalítica, não deixou de ressaltar que havia dificuldade na maneira de se aproximar das recordações patogênicas, o que ele chamou de resistência. (FREUD; BREUER, 1893-1895, 2016).

Nesse sentido, para Laplanche e Pontalis (2004), chama-se de resistência tudo que nos atos e palavras do analisando se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente. No desenvolvimento da técnica, Freud aponta a resistência à psicanálise como uma atitude de bloqueio às descobertas na medida em que elas revelam os desejos inconscientes.

Dessa forma, a resistência é uma série de obstáculos que dificultam a externalização dos processos psíquicos sobre os quais estariam as raízes dos conteúdos traumáticos. Embora Freud tenha utilizado pela primeira vez o termo “resistência” no caso da Senhorita Elisabeth Von R, em seus casos anteriores, o analista tinha se atentado a certos impedimentos subjetivos que dificultavam o processo de trazer para a memória as lembranças do passado do indivíduo (FREUD; BREUER, 1893-1895, 2016).

Com isso, Freud passa a reconhecer que o funcionamento psíquico é dinâmico e possível de intervenção terapêutica, trazendo a possibilidade de reconstruir as associações das representações, uma liberdade em exprimir seus conteúdos psíquicos, surgindo então a associação livre (FREUD; BREUER, 1893-1895, 2016).

Freud refere-se à associação livre como movimento de falar tudo o que acontece na cabeça, sem se privar de falar o que causa vergonha, o que parece ser insignificante ou doloroso por parte do paciente. Já a atuação do analista, neste momento, será a capacidade de se desprender de seus conteúdos conscientes e permitir a ouvir o indivíduo, suportando a relação, apropriando-se do discurso, aguentando a transferência que está sendo feita, para então, tornar essa relação ativa onde o paciente será movimentado a decidir o que fazer com o que está ocorrendo, ou seja, uma atenção flutuante. Dessa forma, levando em conta essa transferência ativa, isto é, o encaminhamento de figuras significativas na vida do indivíduo para o psicanalista, que, por sua vez, deverá ser identificado simbolicamente pelo indivíduo como a pessoa que o traz sentimentos dos mais diversos tipos (DAHER; ORTOLAN; SEI; VICTRIO, 2017).

Freud e Breuer (1893-1895, 2016) se utilizam de uma analogia para falar desse método investigativo, onde compara o trabalho do analista ao trabalho de um arqueólogo, que se faz possível porque ambos estão à procura do que está "soterrado". Ambos trabalham cautelosamente para não danificar o que podem vir a encontrar e também não sabem exatamente o que lhes esperam. Sabem apenas que diante deles está arquivada a história de seus objetos de estudo, em uma cronologia inversa e estratificada.

Ao passo que o indivíduo externaliza seus sentimentos e identifica no analista uma figura simbólica, Freud, em seu texto “*A dinâmica da transferência de 1912*”, apresenta esse movimento como uma forma de comunicação entre analista e indivíduo designado de transferência, onde, o processo psíquico do paciente é o de substituir a neurose comum por uma neurose de transferência da qual ele pode ser cuidado pelo trabalho psicoterapêutico e, com isso, a transferência cria assim uma zona intermediária entre a doença e a vida, onde se dá a transição da primeira para a segunda (FREUD, 1912, 2006).

A substituição da neurose comum pela neurose de transferência indica uma exposição real dos processos inconscientes dos indivíduos, não a partir de experiências isoladas e sim de suas experiências gerais sobre um determinado período de sua vida. Ao passo que essa generalidade é substituída por questões de fato, expondo os eventos considerados mais cruéis ou traumáticos pelo indivíduo, as ressignificações dele sobre esses eventos se tornam mais próximas (FREUD, 1912, 2006).

Sendo assim, o vínculo transferencial é sustentado pela conexão entre indivíduo e analista, de modo que o afeto, respectivamente, é o que favorece essa relação. Por isso a importância não somente da fala do indivíduo, mas, também a atenção flutuante exercida pelo analista. Este é o que irá transmitir um sentimento de confiança para o indivíduo, ao ponto dele se sentir seguro para falar sobre qualquer assunto, sobretudo os sentimentos e conteúdos traumáticos (FREUD, 1912, 2006).

Todos os sintomas do paciente abandonam seu significado original e assumem um novo sentido que se refere à transferência [...] Mas dominar essa neurose nova, artificial, equivale a eliminar a doença inicialmente trazida ao tratamento - equivale a realizar nossa tarefa terapêutica. Uma pessoa que se tornou normal e livre da ação de impulsos instintuais reprimidos em sua relação com o médico, assim permanecerá em sua própria vida, após o médico haver-se retirado dela. (FREUD, 1916, p.517-518).

Com essa compreensão da transferência, assim como todo o caminho descrito neste tópico, sobre o desenvolvimento da escuta psicanalítica no processo psicoterapêutico, compreende-se o papel fundamental que a mesma tem na condução do suporte clínico.

2. JUSTIFICATIVA

Rebouças e Dutra (2010) apontam que o Plantão Psicológico é a prática de um atendimento clínico psicológico de tipo emergencial, onde a finalidade é a escuta e o acolhimento da pessoa no momento de crise.

Schmidt (2004) apresenta que o Plantão Psicológico é uma ajuda psicológica que proporciona à clientela que procura um espaço de escuta aberto à diversidade e pluralidade da demanda, atento ao modo como a pessoa está vivendo a queixa que o faz buscar o atendimento.

Furigo e seu grupo de pesquisadores (2008) também descrevem o Plantão Psicológico como um espaço de escuta e acolhimento com a função de acolher e que compete uma triagem e encaminhamento da pessoa para outros serviços oferecidos na comunidade para assistir a mesma em sua necessidade.

Inclusive, já existem pesquisas relacionadas ao plantão psicológico a partir da abordagem psicanalítica. Rosário e Neto (2015) consideram o atendimento do Plantão Psicológico a partir da escuta psicanalítica possibilita levar a pessoa a criar condições de fazer advir um indivíduo, ou seja, o apropriar-se de si, onde a escuta psicanalítica permite o escutar para além do problema apresentado ou da normalidade, é um escutar do próprio indivíduo.

Daher, Ortolan, Sei e Victrio (2017) consideram que, no atendimento clínico do Plantão Psicológico a partir da abordagem psicanalítica, o plantonista está aberto para ouvir o inesperado, de um inconsciente que insiste em ser ouvido. Sendo assim, espera-se que, ao mesmo tempo em que é escutado o inconsciente, o indivíduo que fala se ouça. Com isso, há a possibilidade da contribuição para que esse indivíduo se repositone ou ressignifique o motivo pelo qual o fez buscar o atendimento.

Considerando, então, a caracterização do Plantão Psicológico na literatura, o cenário do sofrimento psíquico no modo de vida contemporâneo do universitário, bem como a baixa oferta de serviços de Atenção Psicossocial e a dificuldade na implementação do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES de maneira efetiva na Universidade, esta experiência de intervenção pode ser uma possibilidade de dispositivo de cuidado para o universitário contribuindo para qualidade de vida do indivíduo no eixo de atenção à saúde mental.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Apresentar e discutir uma experiência de atendimento psicoterapêutico com a realização do Plantão Psicológico no contexto da universidade, como um dispositivo de cuidado com a saúde mental.

3.2 Objetivo Específico

Apresentar o Plantão Psicológico como uma possibilidade de dispositivo de cuidado em saúde mental no contexto da universidade;

Discutir o ambiente universitário como um espaço que demanda apoio e cuidado em saúde mental.

4. MÉTODO

Com a proposta de melhor compreender o funcionamento do Plantão Psicológico e analisar se esse dispositivo pode ser utilizado como um cuidado com a saúde mental dos universitários, entendeu-se que a abordagem qualitativa é a mais apropriada para atingir os objetivos deste estudo. Uma vez que o estudo qualitativo busca descobrir processos sociais pouco conhecidos e que fazem parte de grupos específicos, onde seu objetivo é proporcionar o contato com novas construção e/ou revisões de conceitos, abordagens, referente ao fenômeno estudado (MINAYO, 2013).

Para, então, reunir as informações em atenção a esse fenômeno atual, o estudo de caso foi utilizado como procedimento metodológico com a finalidade de unir informações precisas, assim como Gil (2008, p.57 e 58) descreve “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”.

Este Estudo de Caso se concentra na descrição e análise de uma ação desenvolvida junto aos estudantes universitários, a partir do Plantão Psicológico, sem envolver diretamente seres humanos como participantes. Desta forma, não demandou submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, uma vez que não há intervenção ou manipulação direta sobre indivíduos, minimizando assim os riscos éticos associados à pesquisa envolvendo seres humanos.

Para a análise dos dados foram resgatados os registros dos materiais auto etnográficos, sendo eles: projetos de extensão submetidos à Pró-Reitoria de Extensão da universidade (registradas nos processos: 23112.016033/2023-12, 2023; 23112.005305/2021-89, 2021; 23112.008035/2020-87, 2020; 23112.002659/2019-57, 2019), relatórios das respectivas

atividades de extensão realizadas, registros dos encontros da equipe, registros das reuniões com a coordenação do curso e do departamento e principais impressões registradas pela pesquisadora principal.

Percebe-se que os registros auto etnográficos dizem respeito a documentos que foram construídos a partir da experiência pessoal do pesquisador, ou seja, o pesquisador é considerado participante ativo, que utiliza das suas próprias vivências e perspectiva para compreender e analisar o fenômeno a ser estudado, assim como Furtado *et al* (2022, p.2) descrevem, os registros etnográficos são reconhecidos por possibilitarem o “viver de forma consciente, emocional, reflexiva e crítica, o conhecimento embebido na experiência e revelando aspectos da vida cultural inacessível a pesquisa convencional”.

Vale ressaltar que não foram utilizados neste processo de análise os registros dos atendimentos de discussões de casos nas reuniões da equipe, já que o objetivo deste estudo de caso é avaliar o Plantão Psicológico e não as pessoas atendidas. A partir do resgate desses registros, foi elaborada a descrição do caso.

A análise temática foi empregada por se tratar da melhor estratégia para “identificar, analisar, interpretar e relatar padrões a partir de dados qualitativos”, pois a partir desta forma de análise é possível alcançar a interpretação dos dados de forma representativa para colaborar assim com a efetividade da pesquisa (SOUZA, 2019, p. 52).

O processo de análise foi conduzido pelas pesquisadoras, a partir do resgate das experiências vivenciadas no caso relatado. A partir da análise, foram identificadas 3 categorias temáticas, representadas por 3 momentos distintos, sendo eles: 1. *Da proposta à organização do Plantão*; 2. *A técnica psicanalítica nos atendimentos do Plantão Psicológico* e 3. *Finalização da proposta do Plantão Psicológico*

5. RESULTADOS

5.1 Apresentação do contexto e do caso estudado

Para a apresentação do contexto do estudo, serão resgatados alguns elementos que impulsionam a criação do Plantão Psicológico. Em seguida, será apresentado de forma detalhada o caso estudado.

Desde o segundo semestre do ano de 2016, a partir da experiência como Psicóloga Clínica de Orientação Psicanalítica, me chamou a atenção a grande busca por acompanhamento psicoterapêutico pelos universitários no serviço privado.

A partir do contato com essa demanda no meu ambiente de trabalho, procurei apoio no contexto da universidade para me vincular a algum curso de pós graduação na área psicanalítica, com o intuito de aprimorar minha formação e continuar atendendo essa

demanda clínica.

Na ausência de cursos na área da Psicologia Psicanalítica nessa universidade, fui convidada a participar de grupos de estudos que estavam em andamento. Já inserida neste grupo, nos deparamos com uma situação circunstancial ocorrida em um outro departamento da própria instituição, o que provocou a comoção e a busca por apoio relacionado à saúde mental das pessoas vinculadas àquele departamento. Tal situação levou algumas das pessoas envolvidas com a temática da saúde mental na universidade a serem acionadas e, como desdobramento, foi construída uma proposta sistematizada de um projeto de extensão voltado ao cuidado em saúde mental, que foi nomeado como Plantão Psicológico, a partir de uma escuta Psicanalítica.

Sendo assim, a proposta de sistematização e desenvolvimento do Plantão Psicológico considerou o ambiente que receberia o projeto, a seleção e preparo da equipe de trabalho, o público a ser atendido, a teoria e técnica a ser utilizada nos atendimentos.

No primeiro momento, foram realizadas reuniões com os responsáveis pelo departamento; a coordenadora acadêmica, que era a docente responsável por compatibilizar a gestão, acompanhar o planejamento e desenvolvimento da atividade de extensão e a supervisora clínica, responsável por acompanhar e oferecer recursos teóricos e práticos para o desenvolvimento da atividade. Nessas reuniões foi discutido como principal desafio a falta de serviços que pudessem dar suporte às situações que poderiam potencializar o sofrimento mental daquela comunidade. A partir daí, foi feita a apresentação do projeto de extensão Plantão Psicológico como uma possibilidade de oferecer um dispositivo de cuidado que pudesse promover apoio aos desafios identificados. Foi analisada a estrutura física que o departamento para viabilizar a oferta do Plantão Psicológico, considerando a necessidade de um espaço reservado, que assegurasse o sigilo dos atendimentos.

A partir dessa articulação entre membros do departamento e responsáveis pelo projeto, compreendeu-se que a proposta era viável naquele momento. A partir desse alinhamento, teve início a estruturação do Plantão Psicológico.

O próximo passo foi a seleção da equipe de trabalho, outro ponto importante do projeto, pois não ofertamos apenas o cuidado com a saúde mental da comunidade universitária, mas também a possibilidade dos estudantes do curso de Psicologia entrarem em contato com a prática clínica a partir da abordagem psicanalítica. Tendo em vista as características das atividades de extensão, a participação de estudantes no sentido de qualificar a formação, este movimento é fundamental. Com isso, a oferta das vagas para estudantes extensionistas foi divulgada para os alunos do curso de Psicologia, utilizando os meios de comunicação da própria universidade. Foram oferecidas 6 vagas de trabalho de

caráter voluntário, utilizando os seguintes critérios: 1 - ter cursado as disciplinas de Ética e Introdução à Psicanálise, 2 - ter participado de algum trabalho que envolvesse o atendimento clínico a partir da abordagem psicanalítica e 3 - participação em entrevista classificatória.

Se inscreveram 12 estudantes e na entrevista 6 foram selecionados para a equipe do Projeto. Finalizamos essa etapa com a formação da equipe com 6 alunos da graduação de Psicologia, uma supervisora clínica e uma coordenadora acadêmica.

Após a organização da equipe, nas primeiras reuniões, antes de iniciarmos de fato os atendimentos, discutimos textos teóricos explicativos sobre o atendimento psicoterapêutico em formato de plantão a partir da abordagem psicanalítica e como isso se aplicaria em nossa organização prática, sendo essa a forma de nos prepararmos para os atendimentos em si.

Com o desenvolvimento do projeto percebemos que a quantidade de integrantes da equipe foi suficiente, porém, ao longo do tempo alguns extensionistas solicitaram desligamento da atividade, o que provocou novo processo seletivo. Sempre que chegava uma pessoa nova na equipe era feita uma discussão sobre o significado do atendimento psicoterapêutico no formato de plantão, e como se aplicava em nossa prática. Convém descrever aqui que na seleção de novos extensionistas utilizamos o mesmo processo que foi executado para a seleção da primeira equipe, assim, mantivemos sempre a quantidade de 6 extensionistas, coordenadora acadêmica e supervisora clínica.

A seleção de novos extensionistas foi um ponto que nos trouxe bastante dificuldade nos anos de 2022 e 2023, pois a permanência dos extensionistas no projeto passou a ser por um curto período de tempo, o que impactava o andamento do projeto, pois novo processo seletivo precisava ser feito e logo após, com o ingresso do novo extensionista, nova reunião para discussão do funcionamento do trabalho do Plantão deveria ser realizada, ocupando assim um tempo que seria destinado a organização de intervenções a demandas que foram surgindo durante o desenvolvimento do projeto.

Um aspecto despertou atenção na primeira etapa de estruturação do projeto, os alunos do curso de psicologia inscritos no processo seletivo relataram de forma unânime o interesse por aprender mais sobre a abordagem Psicanalítica, sendo este o principal motivo que os levaram a participarem do processo seletivo para a atividade de extensão. Isso nos movimentou a repensar o nome dado ao projeto para os próximos semestres, pois, compreendendo que a teoria e a técnica psicanalítica no atendimento em formato de plantão tem sido apresentado como uma estrutura nova para o contexto psicoterapêutico clínico e que está em ascensão, passamos a chamar o projeto de Plantão Psicanalítico.

Com a equipe de trabalho selecionada, passamos para o momento de organização do espaço físico para os atendimentos no departamento. Foram disponibilizadas duas salas, que

foram separadas da seguinte forma: a primeira funcionou como uma recepção, onde os extensionistas e a supervisora clínica recebiam os usuários, tanto para o atendimento quanto para esclarecimento de dúvidas. Após a recepção, os usuários que buscaram atendimento eram acompanhados até uma segunda sala, na qual acontecia o atendimento de maneira reservada e sigilosa. O atendimento do Plantão Psicanalítico foi oferecido para toda a comunidade do departamento, que é composto por: estudantes de graduação, estudantes de pós-graduação, técnicos administrativos e docentes.

As atividades do Plantão Psicanalítico tiveram início no segundo semestre do ano de 2019 e se mantiveram até o segundo semestre do ano letivo de 2022 porém, essas atividades se estenderam até o início do ano de 2023, devido a grade curricular ter sofrido alterações no período de isolamento social por conta da Pandemia por Covid-19, com a proposta principal de oferecer o atendimento psicoterapêutico em contexto emergencial. Foi então estipulado que o Plantão Psicanalítico ficaria disponível em todo o ano letivo, em um dia fixo da semana, dentro do período das 08h da manhã até às 18h da noite. Cada sessão de atendimento teria 50 minutos de duração. Para cumprir o horário de funcionamento do Plantão foi elaborada uma escala de trabalho entre as extensionistas e supervisora clínica, em turnos de 2 horas de trabalho para cada membro. Além disso, o projeto presumiu uma supervisão semanal de 2 horas, para a discussão do trabalho desenvolvido por toda a equipe. Nessas reuniões, discutimos os casos atendidos, a partir da abordagem psicanalítica, além de textos sobre a teoria e técnica psicanalítica. Este também foi um horário utilizado para identificação e discussão das demandas que surgiram para além do atendimento psicoterapêutico individual.

A partir dessas discussões, percebemos a necessidade de reorganizar o nosso tempo de trabalho para as intervenções nas outras questões que surgiram enquanto pedido de ajuda. Então, o projeto Plantão Psicanalítico começou desenvolvendo o trabalho semanal de atendimento psicoterapêutico da livre demanda, cada membro da equipe ficou 2h de plantão para o atendimento clínico individual, em seguida de cada atendimento o plantonista realizava o trabalho de preenchimento e arquivamento de um formulário de registros constando a queixa principal, um breve relato da sessão, o manejo dos conteúdos que surgiram e orientação do paciente no caso da necessidade de acompanhamento.

O formulário de registros era composto por dados gerais do usuário, tais como: cidade de origem, problemas de saúde, uso de medicações contínuas, uso de álcool, tabaco ou outras substâncias, se já havia feito psicoterapia. Obtinha-se também, no caso do atendimento de alunos, o curso que estava vinculado, ano de ingresso, período em que se encontrava e atividades que participava além da graduação.

Para além do atendimento clínico psicoterapêutico emergente, foram estruturadas

reuniões com a coordenação do departamento e com a coordenadora acadêmica para discussão de problemas institucionais que chegaram até o Plantão Psicanalítico, com o pedido de ajuda para solucionar e encaminhar as demandas.

Cabe comentar, também, que o projeto organizou uma reunião com a chefia e coordenação do departamento no final de cada ano letivo, apresentando os resultados obtidos e as indicações de ações que poderiam diminuir o sofrimento psíquico experimentado pelos usuários atendidos. Esses encontros foram mantidos no período da pandemia.

O projeto cumpriu seu papel como uma atividade de extensão, à medida em que acolheu uma demanda emergente de forma exitosa, no entanto, o Plantão Psicanalítico teve pouca autonomia para estabelecer parcerias e desenhar fluxos de encaminhamentos para outros serviços ou projetos internos e externos. Dessa forma, a equipe trabalhou no sentido de orientar os usuários a buscarem esses projetos e serviços, sem realizar um contato formal com os mesmos.

As principais orientações que foram realizadas consistiram na indicação de projetos dentro da própria universidade que dava respaldo para a organização dos estudos acadêmicos, ou paralelos a ela que pudessem auxiliar na solução da queixa apresentada.

Vale ressaltar que no ano de 2020 e 2021, em virtude da suspensão das atividades presenciais por conta da pandemia de Covid-19, o serviço do Plantão Psicanalítico aconteceu no formato online. Por conta disso, a divulgação do projeto passou a ser feita de dois modos, sendo esses: mídias digitais e email da coordenação. Os atendimentos aconteceram via online a partir de um email institucional, pela plataforma do *Google Meet*. Após os atendimentos foi preenchido o formulário de registro na plataforma do *Google forms* e arquivado pelo sistema. Esses documentos eram acessados apenas pela equipe do projeto. O Plantão Psicanalítico se manteve em um dia fixo da semana e passando a estar disponível no horário das 10h da manhã até às 20h da noite.

No primeiro semestre do ano de 2023 o projeto do Plantão Psicanalítico realizou os seus últimos atendimentos, pois, com o passar do tempo o grupo foi sentindo uma falta de suporte para o tamanho da demanda que foi surgindo, em busca de ajuda psicológica. Com isso, a proposta inicial do projeto, o atendimento psicoterapêutico emergencial, passou a ser apenas um paliativo para a dimensão da necessidade de cuidado com a saúde mental da comunidade acadêmica como um todo. Observamos, assim, a falta significativa de equipamentos, serviços, de cuidado com a saúde mental dos universitários, onde a desconfiguração da proposta inicial do projeto combinada à falta de políticas de saúde efetivas, levaram ao encerramento das atividades do Plantão Psicanalítico.

O trabalho do Plantão Psicanalítico nos proporcionou perceber de forma generalizada,

a partir dos atendimentos individuais, a associação que os universitários criaram sobre o ambiente educacional com o sofrimento psíquico, isso devido ao excesso de afazeres e responsabilidades enquanto demanda do próprio ambiente institucional e também por se cobrarem em aproveitar todas as oportunidades de aprendizado encontradas na universidade, como uma maneira de alcançar uma certa excelência enquanto alunos, a autocobrança em excesso, provocando o adoecimento.

Tais aspectos foram observados no desenvolvimento do projeto do Plantão Psicanalítico, tanto nas queixas dos universitários que passaram por atendimento, onde buscaram formas de enfrentar o cansaço, estresse, ansiedade, desânimo devido o excesso de trabalho, quanto na participação dos membros da própria equipe do Plantão, em que nas reuniões de discussão muitas vezes não participaram por estarem ocupados com outras atividades da graduação, ou, participaram por um curto período de tempo do projeto do Plantão Psicanalítico e logo se engajaram em outro projeto, buscando aproveitar todas as oportunidades oferecidas.

Diante disso, na realização do projeto foi possível vivenciar com os universitários, tanto os que fizeram parte da equipe de trabalho quanto os que buscaram por atendimento, angústias que podem ser consideradas características do momento de vida deste público, pois dentro deste contexto educacional a autonomia e responsabilidade com os afazeres acadêmicos são desconhecidas até então, exigindo assim que se apropriem de todas as demandas, sejam elas, subjetivas e/ou institucionais e/ou relacionais e elaborem tudo de maneira a corresponder com a necessidade do momento.

Sendo assim, a oferta do atendimento psicoterapêutico em formato de plantão, enquanto um apoio às questões emocionais do público universitário, pode ser considerado uma ajuda com o fator apropriar-se de si e conseguir vivenciar o todo que envolve o contexto universitário.

5.2 Descrição do alcance do projeto.

Para ilustrar o alcance do projeto, serão apresentados os quantitativos de atendimentos e demais atividades do projeto, distribuídos ao longo dos anos em que foram realizados.

Vale ressaltar que todas as atividades que o Plantão Psicológico realizou aconteceram de acordo com o calendário acadêmico, respeitando os períodos de férias, feriados, recessos e a suspensão das atividades no período da Pandemia da Covid-19. Sendo assim, as atividades do Plantão Psicológico iniciaram em outubro do ano de 2019 e finalizaram em abril do ano de 2023. Dentro deste período, as atividades aconteceram uma vez por semana, fixado na terça-feira devido à disponibilidade de tempo da supervisora clínica e mestranda.

O primeiro momento da realização do Plantão Psicológico se deu entre os meses de outubro a dezembro de 2019, incluindo 9 semanas de plantão, com 12 horas semanais. Ou seja, a equipe ficou disponível para as atividades do Plantão Psicológico por 108 horas. Esse intervalo de tempo não foi exclusivo para os atendimentos do plantão, dentro dessas 12h foram reservadas 10h para atendimentos e 2h para reunião da equipe de trabalho.

Com relação ao número de pessoas atendidas nos 3 meses de trabalho no ano de 2019, destacamos que 20 pessoas buscaram atendimento e, dessas, 4 buscaram atendimento por 2 vezes, totalizando 24 atendimentos. Sendo assim, em 2019 destinamos 108 horas para os trabalhos do Plantão Psicológico, dessas, 24 horas foram utilizadas em atendimentos, 18 horas em discussões de caso e estudos teóricos. Nas 66 horas restantes aconteceram algumas discussões informais, mas no geral, a equipe ficou aguardando as demandas de atendimentos.

No ano letivo de 2020, o calendário acadêmico sofreu uma significativa alteração devido ao enfrentamento da Covid-19. As atividades que iniciariam no mês de março foram suspensas devido a necessidade de distanciamento social. O ano letivo só teve início em 31 de agosto de 2020, com todas as atividades no formato online.

O Plantão Psicológico também foi oferecido à comunidade acadêmica no formato online. Retomamos as atividades a partir do mês de setembro de 2020 seguindo até o mês de junho de 2021. Neste período mantivemos a mesma proposta de funcionamento anterior, porém alteramos da quantidade de horas diárias de plantão, de 12 horas passamos para 10 horas, pois percebemos que não havia procura por atendimento entre o horário das 8 e 10 horas da manhã. Neste período os plantões foram mantidos às terças-feiras, contabilizando 210 horas de trabalho, no total. Foram atendidas 18 pessoas, porém, 3 dessas pessoas buscaram atendimento por 2 vezes. Desta forma, a equipe realizou 21 atendimentos no total. Mantivemos o tempo para a supervisão dos casos atendidos e discussão de textos teóricos que totalizaram 42 horas. Ainda neste período letivo realizamos 2 reuniões com a coordenação do departamento, a primeira para apresentarmos a nova organização de atendimento do Plantão

Psicológico, que passou a ser oferecido no formato remoto, e a segunda reunião para apresentar as percepções sobre o novo formato de atendimento. As reuniões utilizaram 4 horas do tempo total de trabalho do Plantão Psicológico. Mais uma vez foi percebido que a equipe teve um tempo ocioso, considerando o tempo oferecido e o tempo utilizado para as atividades de reuniões e atendimentos.

O trabalho do Plantão Psicológico durante o ano letivo de 2021 aconteceu entre os meses de agosto de 2021 e abril de 2022. Neste período a equipe ficou disponível por 28 semanas, mantendo a proposta de 10h semanais, totalizando 280 horas.

Neste período 12 pessoas buscaram atendimento, sendo que 5 delas buscaram atendimento por mais de uma vez e 1 pessoa pediu atendimento por 2 vezes, totalizando assim 18 atendimentos. Para as reuniões de equipe utilizamos 50 horas. Mais uma vez a oferta de cuidado foi maior que a demanda apresentada pela comunidade envolvida.

Em seu último período de funcionamento, o Plantão Psicológico desenvolveu suas atividades entre os meses de junho de 2022 até abril de 2023. Foram 37 semanas de plantão, com a mesma proposta de 10 horas semanais. A carga horária total de atividades foi de 370h. Buscaram atendimento 14 pessoas. Dessas, 4 pessoas passaram 2 vezes em atendimento, totalizando 18 atendimentos. Foram utilizadas 64 horas para as reuniões da equipe e com a coordenação dos cursos e coordenação geral, para organização do encerramento das atividades.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O processo de análise temática se deu a partir do resgate das experiências vivenciadas no Caso apresentado, a partir de materiais auto etnográficos. Nessa discussão, foi identificada a necessidade de abordar três momentos distintos, o preparo, a realização e o encerramento do Plantão, que derivou em três categorias temáticas. A seguir, serão discutidas cada uma das categorias temáticas: 1. *Da proposta à organização do Plantão*; 2. *A técnica psicanalítica nos atendimentos do Plantão Psicológico* e 3. *Finalização da proposta do Plantão Psicológico*.

6.1 Momento 1 - Da proposta à organização do Plantão:

De acordo com Rosenberg (1987), a procura pelo trabalho do psicólogo ocorre em situações de mudanças na vida pessoal, incluindo os momentos de transição, de dor e angústia, desequilíbrio emocional. Ou seja, situações nas quais há uma dificuldade em se recuperar ou se reestruturar. Isso depende muito de como ocorrem essas mudanças, se foi de modo voluntário ou involuntário, o modo como a pessoa encara e interpreta essas transições,

se é com criatividade e naturalidade, recorrendo às suas vivências anteriores ou encarando como catástrofes e desastres. Depende muito de fatores internos e externos. Por este motivo são imprevisíveis. Se são imprevisíveis, então, considera-se como prioridade o funcionamento de um Plantão Psicológico, pois, o mesmo lida diretamente com esses imprevistos que chegam até o indivíduo de maneira rápida, exigindo, portanto, uma estratégia de apoio acessível, eficaz e que atenda às angústias (ROSENBERG, 1987).

Tais apontamentos nos fazem pensar sobre o processo de intervenção no sofrimento psíquico. Bem, a autora acima citada deixa claro que, para tal, existe a necessidade da compreensão do todo que pode ter provocado ou potencializado esse estado de sofrimento psíquico. A partir dessa compreensão é que a intervenção pode ser elaborada de maneira efetiva.

No Caso Estudado, o que levou a ser pensado o trabalho do Plantão Psicológico na universidade foi, a princípio, a quantidade de estudantes universitários buscando acompanhamento psicológico no serviço privado, muitas vezes, uma busca sem condições financeiras para manter todo o processo de acompanhamento, culminando no abandono do cuidado. Estando dentro da universidade, com a proposta de aprimorar meus conhecimentos e oferecer uma melhor atenção aos indivíduos que buscassem o acompanhamento psicológico, me deparei com uma situação circunstancial que sinalizou a urgência em implantar o Plantão Psicológico como um dispositivo de cuidado que pudesse acolher a demanda de sofrimento psíquico e ajudar os universitários a terem um olhar mais atento com sua própria saúde mental, uma vez que o serviço de assistência a saúde mental oferecido pela universidade apresenta desafios no sentido de acolher tamanha demanda de sofrimento psíquico apresentado por este público.

Dentro das estratégias que visam oferecer apoio às dificuldades emocionais enfrentadas pelos indivíduos que compõem o todo acadêmico, encontra-se o Plantão Psicológico voltado ao universitário, que geralmente possui embasamento no modelo de Aconselhamento Psicológico, proposto por Carl Rogers. Neste, o psicoterapeuta é um facilitador do processo, estando aberto e acolhendo as demandas que surgirem do indivíduo. O intuito é acolher, ajudando-o diante de seu sofrimento e auxiliando na escolha do tipo de atendimento: de fato o aconselhamento, orientação ou psicoterapia (REBOUÇAS; DUTRA, 2010).

Nota-se, a partir das descrições feitas por Rebouças e Dutra (2010), que são etapas bem definidas para que o indivíduo reconheça, levando em conta sua vida universitária, a necessidade de um tratamento, e que chegue até o psicólogo para que esse cuidado seja direcionado da melhor forma.

Com isso, pensar o Plantão Psicológico enquanto um dispositivo possível de escuta e acolhimento das situações angustiantes apresentadas pelos universitários, tendo o intuito de oferecer apoio ao momento de mudança significativa na vida dos mesmos, ou seja, um dispositivo que tem a capacidade de observar todos os possíveis fatores geradores ou potencializadores de sofrimento psíquico desse público, foi a principal motivação que movimentou toda a implantação e execução desse projeto.

Para além da compreensão do objetivo de funcionamento do Plantão Psicológico, é necessário considerar outros aspectos relevantes para que a implantação e funcionamento da estratégia acontecesse de maneira efetiva no contexto da universidade. Um dos pontos importantes para garantir um bom funcionamento é a organização da equipe de trabalho.

Neste sentido, resgatamos o autor Ferro, (1998 p.182), que descreve que compreender que a estruturação da equipe e espaço físico a serem destinados aos atendimentos psicoterapêuticos se fazem importantes para a situação psicanalítica, ou seja, aspectos que permitem o desenvolvimento de um processo que constitui as “regras do jogo que devem ser respeitadas para que seja possível jogar”. Essa estruturação é nomeada por “*setting*”, resultado de “experiências que foram se configurando e estabilizando a partir das modalidades de trabalho e das exigências pessoais de Freud” por serem consideradas as mais adequadas para o processo da terapia psicanalítica.

Essa descrição se refere à organização da sala de atendimento, aos combinados de como aconteceram as sessões, ao tempo de duração do atendimento, a preservação do sigilo, entre outros pactos que garantam “a regulamentação de tudo que acontece ou pode acontecer entre analista e paciente” (FERRO, 1998, p. 182).

A sistematização do espaço e da equipe de trabalho para o funcionamento do Plantão Psicológico se fez coerente com a proposta psicanalítica, enquanto uma regra básica de estruturação do caminho de investigação da vida mental daqueles que necessitam do atendimento psicoterapêutico.

Sendo assim, foi possível observar desde a organização da estrutura física e desenvolvimento do Plantão Psicológico à atenção e preocupação de todos que estavam envolvidos na implantação do projeto, pois a coordenação geral e coordenadores dos cursos do respectivo departamento, a coordenadora acadêmica do projeto, eu, enquanto supervisora clínica e os alunos selecionados da graduação de psicologia que compusemos a equipe de plantonistas, compreendemos que esta organização seria a porta de entrada para que a comunidade envolvida se sentisse segura para apresentar suas situações de sofrimento de maneira protegida.

Migliavacca (2008 p.222), identifica essa organização e sistematização do *setting* terapêutico como “arranjos práticos” para a realização do trabalho analítico, ou seja, “um dos

pilares da moldura dentro da qual se desenhará em infinitas direções, o encontro de duas mentes, a do profissional e a de seu paciente, em busca de realização”.

Freud (1913, 2019), descreve que no setting terapêutico se faz a representação concreta dos movimentos mentais que o paciente submeterá a análise e estar neste ambiente causa angústias e um custo emocional. Com isso, Freud salienta a importância de acordos bem estabelecidos entre analista e indivíduo, para que o analista tenha segurança para analisar as atitudes, podendo ser desrespeitosas ou não, em relação ao acordo estabelecido, pois, se submeter a análise não é nada fácil de ser assumido.

E no contexto da análise psicanalítica, a regra fundamental a ser pactuada com o indivíduo é a de permitir a associação livre, se isentando de censuras e julgamentos prévios, mesmo que o conteúdo mental acessado possa parecer horrível. As sensações de medo, dor ou ódio à própria realidade podem surgir mediante o conteúdo mental acessado, o que pode levar o indivíduo a quebrar a regra pactuada de associar livremente, gerando, assim, resistências em relação ao processo terapêutico. Neste caso, cabe ao psicoterapeuta ajudá-lo a enfrentar essas dificuldades e evoluir em seu processo terapêutico (MIGLIAVACCA, 2008).

Compreendendo este cenário analítico e de cuidado com os indivíduos atendidos, houve a orientação para que cada plantonista, observando para além do atendimento emergencial e identificando a necessidade de encaminhamentos para os universitários, dessem continuidade ao processo de atenção com o sofrimento psíquico apresentado em sessão, e que fizessem a indicação dos projetos ativos na universidade, tanto aqueles voltados para o cuidado com a saúde mental quanto outros projetos que se propuseram a ajudar na reestruturação da vivência acadêmica. Houve também uma indicação de para que orientassem os universitários a buscar apoio nos serviços de saúde do município, ou até mesmo que fizessem contato com psicólogos particulares com preços acessíveis para estudantes. Essa orientação prévia fez parte do planejamento das atividades, com o intuito de não gerar expectativas nesses usuários e apoiar os processos de busca por um suporte de caráter longitudinal.

A equipe de trabalho do Plantão Psicológico semanalmente se reuniu para discutir os casos atendidos. Nessas discussões eram feitos breves relatos da sessão, levantamento da queixa principal, apoio para o manejo dos conteúdos que surgiam e a identificação das necessidades de encaminhamento. Todas as discussões eram feitas a partir dos conceitos teóricos e da prática psicanalítica. As discussões de caso não serão apresentadas neste estudo, tendo em vista seu objetivo, que é analisar a estratégia do Plantão Psicológico e não os atendimentos de forma individualizada.

Migliavacca (2008, p.224), descreve que é ético o cuidado e conservação da integridade mental dos profissionais, pressupõem que, na constituição do *setting* terapêutico

desenvolve-se a relação humana e nessa relação as “características de personalidade, expressões pulsionais, conflitos, fantasias, angústias, necessidades, desejos, anseios, tudo o que compõe um encontro entre duas pessoas” busca direcionamento e esclarecimento, ou seja, formas de acolhimento e possibilidades de elaboração e crescimento mental, cabendo assim ao analista “a construção de recursos internos suficientes para acolher e propiciar as expressões da vida psíquica do outro”, dado esse a importância das discussões, supervisões e estudos sobre o trabalho que o analista tem desenvolvido.

Nesse contexto, considerando todos os aspectos que envolveram a estruturação para o funcionamento do Plantão Psicológico, no que diz respeito ao engajamento das partes que foram envolvidas para organizar o projeto, era esperado algum tipo de resistência ou apontamentos que questionassem o modelo de funcionamento do Plantão Psicológico, principalmente por não se caracterizar como um acompanhamento psicoterapêutico do indivíduo, mas sim uma proposta de um único atendimento de demanda emergencial. Mas, foi possível observar que mediante a proposta de estruturação do projeto ter envolvido tanto as pessoas do departamento quanto a equipe de trabalho do projeto, provocou o conhecimento mais integrado do que estava sendo construído. Esse movimento resultou no trabalho em grupo, pautado na busca por cuidado com a saúde mental da comunidade envolvida.

Sendo assim, as condições consideradas necessárias para a atividade clínica dentro da experiência de funcionamento do Plantão Psicológico se configuraram com respeito a teoria e técnica psicanalítica, ao indivíduo que buscou atendimento e ao desenvolvimento acadêmico dos estudantes do curso de psicologia que atuaram como plantonistas, pontos esses ligados e que sem eles seria impossível o *setting* terapêutico acontecer.

O aspecto apontado como desafiador neste primeiro momento foi a permanência dos membros da equipe de plantonistas atuando no projeto, pois, no tempo de desenvolvimento do projeto a equipe se manteve com a mesma quantidade de plantonistas, mas, aconteceram constantes mudanças de plantonistas. Foi percebido que este movimento se justificou por dois motivos, o primeiro pelo interesse dos alunos da graduação de psicologia em aproveitar as ofertas de estudo oferecidos nos mais variados campos de atuação da psicologia, ou seja, o interesse por adquirir cada vez mais conhecimento e experiência da teoria e prática profissional; o segundo motivo foi a oportunidade de trabalharem em estágios remunerados, ocasionando assim uma rotatividade de plantonistas no Plantão Psicológico.

Tal aspecto é considerado desafiador pelo fato de ter provocado intensidade nos processos formativos da equipe, uma vez que, a cada troca de plantonista da equipe houve a necessidade de resgatar o contexto teórico e técnico do funcionamento do Plantão, refletido e adequado às novas percepções da equipe com os novos plantonistas inseridos. Percepções essas relacionadas a compreensão teórica articulada com a prática do psicólogo no

atendimento clínico em formato de plantão a partir da abordagem psicanalítica, ou seja, um rico processo de ensino aprendizagem dos alunos do curso de psicologia.

Vale ressaltar aqui que essa necessidade apontada, de recomposição da equipe de plantonistas, não provocou prejuízos para o desenvolvimento do projeto e dos atendimentos, pois aconteceu o aviso prévio daqueles que saíram do projeto para que, com tempo hábil, houvesse novo processo seletivo, preparação e inserção do novo plantonista na equipe antes que houvesse a saída do plantonista já selecionado.

Considerando, neste primeiro momento, os requisitos fundamentais para a implantação e desenvolvimento do projeto de extensão Plantão Psicológico em um departamento da universidade, que envolveu a composição da equipe, alinhamento com o departamento da universidade e a organização do *setting*, aconteceram de forma satisfatória.

6.2 Momento 2 - A técnica psicanalítica no desenvolvimento do Plantão Psicológico:

Neste segundo momento serão apresentadas, em linhas gerais, algumas percepções sobre a técnica psicanalítica no atendimento em formato de Plantão Psicológico, compreendendo as potências e fragilidades encontradas na articulação entre a teoria e prática no processo de desenvolvimento do projeto.

Entendendo que o Plantão Psicológico foi implantado no ambiente universitário para ser analisado enquanto um possível dispositivo de cuidado com a saúde mental dos indivíduos, foi considerado neste primeiro momento o trabalho de orientação dos alunos plantonistas sobre a compreensão da teoria e a aplicação da técnica psicanalítica para o manejo dos atendimentos.

Diante de todo o tempo de desenvolvimento do projeto foram destinadas 174 horas de trabalho para discussões sobre a compreensão da aplicabilidade teórica e técnica psicanalítica nos atendimentos em formato de Plantão Psicológico.

De acordo com Quinodoz (1994) a compreensão que se faz, a partir da abordagem psicanalítica, dos conteúdos comunicados no atendimento clínico diz respeito ao conteúdo que pode ser diretamente observado, porém, o significado só se constituirá mediante a compreensão do conteúdo de caráter inconsciente, sendo esse o conteúdo de interesse do psicoterapeuta para a elaboração da intervenção. Esse processo provoca o alívio da angústia experimentado por quem é recebido em um espaço livre de julgamentos, onde a fala livre será acolhida e pontuada pela escuta atenta às emoções intensas do momento, ou seja, a escuta das emoções emergentes.

Foi considerado importante os momentos de discussão e reflexão sobre a psicanálise no atendimento em formato de plantão pelo fato das particularidades deste formato em relação

ao atendimento tradicional que se destaca pelo foco nas questões emergenciais, pelo objetivo principal de fornecer suporte emocional imediato, ajudando o indivíduo a se apropriar de si mesmo para o cuidado das emoções e sentimentos intensos e pontual, a escuta atenta às transferências e resistências a serem acolhidas e direcionadas.

A vertente Psicanalítica no trabalho do Plantão Psicológico valoriza o falar correspondente a um escutar, entendendo que este é um espaço para que os processos inconscientes se manifestem. Neste processo, o indivíduo é levado a ocupar um lugar ativo, ouvindo suas próprias palavras e significando ou ressignificando o sofrimento apresentado. Um processo de examinar e atuar, perceber sua própria singularidade e trabalhar na decisão do que será feito. Esse lugar ativo não o coloca como um mero indivíduo que receberá instruções por parte do profissional, mas, o coloca como a pessoa responsável por dar significados às suas experiências e, em casos de vivências já significadas, quais as maneiras possíveis para que haja uma *ressignificação* (DAHER; ORTOLAN; SEI; VICTRIO, 2017).

Além das discussões sobre a teoria e técnica psicanalítica, também foi tema de estudo a compreensão do cenário universitário. Sendo assim, a preparação e implantação do Plantão Psicológico nos levou a organizar o contexto psicoterapêutico atento às demandas internas de tais indivíduos, não desconsiderando os fatores estressores presentes no ambiente que esse público está inserido. Para tanto, foi necessário um olhar atento ao todo que envolve o indivíduo, para, então, haver a intervenção de maneira pontual.

De acordo com as autoras Graner e Cerqueira (2019) são apontados em seu estudo como possíveis causas de sofrimento psíquico nos universitários as mudanças biológicas, psicológicas e sociais, associadas aos novos métodos de estudo e à extensa grade curricular. Apontam também que dificuldades nas relações e na adaptação geram estados mistos entre ansiedade e depressão, podendo ser identificadas pela presença de insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas, que, por sua vez, podem resultar na insatisfação ou abandono do curso. Fatores associados às características do indivíduo precisam ser considerados também, como perfeccionismo, baixa autoestima, prevalência dos sentimentos de medo, ansiedade, preocupação e frustração. Desta forma, é possível compreender que o público universitário está exposto a uma complexidade de fatores, tanto internos quanto externos ao seu funcionamento mental, que vem caracterizando tal sofrimento psíquico (GRANER; CERQUEIRA, 2019).

Foi percebido o alcance positivo do desenvolvimento do projeto, pois, durante todo o tempo que o Plantão Psicológico ficou em funcionamento houve atendimentos e o desafio encontrado neste tempo foi a falta de suporte por parte de outros equipamentos de saúde que pudessem auxiliar na continuidade de acompanhamento dos indivíduos que precisavam. Ponto

esse importante a ser considerado, tanto pelo fato de identificar a efetividade da proposta do Plantão Psicológico em perceber a necessidade da continuidade do cuidado para além das demandas emergentes de alguns indivíduos, assim como no aspecto do projeto ter uma atuação pontual, com pouca autonomia e acesso no sentido de promover a continuidade do cuidado, tanto dentro quanto fora do espaço da universidade.

Graner e Cerqueira (2019), descrevem que a integração de fatores da personalidade do indivíduo com os típicos do contexto universitário devem ser considerados ao se elaborar o planejamento de intervenções que favoreçam o bem-estar dos alunos e vivências mais positivas no ambiente educacional.

Como estratégia para lidar com este desafio, em especial a falta de suporte institucional, ou seja, a falta de estratégias ou até mesmo uma rede de serviços de assistência que pudessem assistir às necessidades identificadas no atendimento clínico do Plantão Psicológico, a equipe fez o trabalho de vasculhar outros projetos de extensão existentes na universidade que promoviam algum tipo de cuidado, tanto na área da saúde mental quanto no auxílio das necessidades acadêmicas, como organização com estudos, suporte a universitários estrangeiros, programas de prevenção e promoção de saúde mental, entre outros, para orientar os indivíduos a buscarem apoio.

No atendimento clínico psicanalítico, as inquietações e os impasses identificados se tornam material de inspiração e provocação para o desenvolvimento do cuidado, sendo esses conteúdos singulares que se constroem a articulação entre a teoria e a prática, gerando assim a ressignificação da queixa apresentada pelo paciente (SILVA E MACEDO, 2016).

Dessa forma, considera-se as condições nas quais o indivíduo nos procura, identificando possíveis dificuldades atuais, ou, ao contrário, de toda uma história passada, marcada pela repetição de episódios dolorosos e de inibições. Ou, ainda, da persistência ou da aparição de sintomas que perturbem gravemente a existência do indivíduo (MEZAN, 1996).

Foi possível perceber, mediante o desenvolvimento do projeto, que as demandas apresentadas enquanto possíveis causas ou potencializadoras do sofrimento psíquico que afetam os universitários envolvem questões subjetivas de cada indivíduo, institucionais, sociais e políticas, isso nos levou a compreender que o Plantão Psicológico, enquanto um dispositivo de cuidado, se faz uma possibilidade de acolhimento e orientação de apoio para o cuidado com o sofrimento psíquico do público a quem se destinou.

6.3 Momento 3 - Finalização da proposta do Plantão Psicanalítico

A proposta e desenvolvimento do projeto de extensão Plantão Psicológico, em atenção ao contexto em que foi implantado, se sustentou pelo tempo de 4 anos, realizou atendimentos

das demandas emergenciais do público universitário, tanto no formato de atendimento presencial quanto online, contribuiu para o processo de ensino-aprendizado da abordagem psicanalítica no seu contexto teórico e prático da equipe de plantonistas, provocou o engajamento da equipe em organizar formas de melhor acolher e orientar os indivíduos que necessitam de continuidade com o cuidado do sofrimento psíquico e articulou o projeto com a coordenação dos cursos e departamento geral em busca de melhor desenvolver o dispositivo de cuidado com a saúde mental da comunidade envolvida.

Mediante o alcance e desenvolvimento do Plantão Psicológico enquanto um dispositivo de cuidado da saúde mental, foi possível reconhecer que houve um significativo ganho para a comunidade universitária pela possibilidade de ampliar a escuta clínica dos movimentos emocionais dos indivíduos. Porém, a falta de outros equipamentos de cuidado com a saúde mental para o direcionamento das demandas identificadas, limitou o funcionamento do projeto, o que nos leva a perceber que pode ser um serviço que reflete positivamente no desenvolvimento e permanência dos indivíduos na universidade, mas que tem a necessidade de se conectar com outros serviços de saúde mental.

Na literatura podem ser encontrados apontamentos sobre a falta de políticas de cuidado com a saúde mental da comunidade acadêmica, identificada como uma falha. As autoras Bleicher e Oliveira (2016) esclarecem que o PNAES não especifica nenhuma metodologia específica de atenção à saúde, mas, entende que é um fator que contribui para a permanência dos estudantes na universidade, porém, não há diretrizes nacionais para a atuação da Assistência Estudantil.

Mediante esse cenário foi possível compreender que a falta de metodologia de cuidado com a saúde mental na universidade se tornou um fator importante que influenciou no desenvolvimento do cuidado do sofrimento psíquico, pois o Plantão Psicológico, enquanto um dispositivo de escuta das emoções emergentes, ficou restrito ao acolhimento que proporcionou pela falta de uma rede de serviços que recebesse encaminhamentos para a continuidade e acompanhamento desses indivíduos.

De acordo com as propostas que a redemocratização do Ensino Superior foi promovendo ao longo do tempo, é possível perceber que existe a intenção e investimento em ampliar as condições necessárias para manter os indivíduos que nela ingressam, mas, ao mesmo tempo, é possível identificar também a fragilidade da estrutura dessas propostas de cuidado oferecido a esses indivíduos, uma vez que o sofrimento psíquico apresentado por este público tem sido um motivo de atenção. Isso nos leva a compreender a existência de propostas de intervenção, mas a falta de políticas que direcionam a construção de tais propostas, deixando a cargo de cada instituição a promoção das suas próprias intervenções

mediante a demanda identificada (BLEICHER E OLIVEIRA, 2016).

A implantação e desenvolvimento do projeto Plantão Psicológico nos proporcionou perceber essa fragilidade exatamente por ser um dispositivo de cuidado emergente e que não teve outros serviços para dar continuidade às demandas que necessitaram de acompanhamento, ficando assim, a encargo do próprio indivíduo buscar recursos para essa continuidade de cuidado.

Ainda sobre a falta de políticas públicas que atentem e atendam as necessidades de cuidado da saúde mental dos universitários, podemos apontar aqui a percepção sobre os universitários que trabalharam no desenvolvimento do Plantão Psicológico como plantonistas. Foi percebido por eles, mergulhados em afazeres e responsabilidades enquanto demanda do próprio ambiente institucional, disputando espaço com o desejo de aproveitarem as oportunidades de ensino oferecido na universidade, um sofrimento mental devido ao excesso de atividades.

Este movimento pode ser identificado através da rotatividade de extensionistas que passaram pelo projeto durante seu tempo de desenvolvimento. Foram realizados 5 processos seletivos durante o tempo de funcionamento do Plantão Psicológico. Esses processos seletivos aconteceram para substituir plantonistas que justificaram não conseguir articular todas as atividades que tinham que desenvolver e precisaram escolher as atividades obrigatórias da grade curricular ou ainda optaram por estágios remunerados.

Esse apontamento da sobrecarga de trabalhos dos universitários observada no desenvolvimento do Plantão Psicológico, se assemelha à reflexão apresentada pelo autor Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2015), leitura que ele faz do século 21. O autor discute questões específicas do nosso tempo que, em linhas gerais, é a sociedade com indivíduos muito preocupados com o próprio desempenho e que são constantemente colocados ao seu próprio limite, aliás, convidados a se colocar além dos próprios limites como uma superação pessoal de desempenho. Diferente do século 20 e 19, que existia o paradigma capitalista muito forte, a valorização do trabalho e o desempenho pessoal a partir do outro, a partir da cobrança do outro, agora, o problema não é o desempenho de multitarefas, mas, sim o melhor desempenho em todas as tarefas.

Os aspectos apontado pelo autor acima citado pode ser observados no desenvolvimento do projeto Plantão Psicológico ao longo do tempo, pois as atividades específicas do Plantão Psicológico, como por exemplo as reuniões de equipe, algumas vezes não aconteceram devido ao fato dos plantonistas estarem ocupados com outras atividades oferecidas pela graduação do curso de psicologia, ou ainda, em um curto período de tempo o plantonista migrou do projeto Plantão Psicológico para outro projeto, buscando aproveitar todas as oportunidades oferecidas.

Byung-Chul Han, professor da universidade de Berlim, na tentativa de sintetizar essa vivência universitária enquanto o que seria essa sociedade contemporânea, levanta algumas críticas ao nosso capitalismo recente, a forma da estrutura da nossa vivência e, principalmente, das consequências do que ele vai chamar de “sociedade do desempenho” ou essa “sociedade do cansaço” (HAN, 2015).

O ponto em que pode ser destacado como exitoso do funcionamento do Plantão Psicológico foi exatamente na oferta da disponibilidade para atender as demandas e pressões intensas que geram crises emocionais no momento em que os indivíduos mais precisam, um suporte para ajudar a conter o que está intenso e, então, direcionar o cuidado da melhor forma, exatamente o se apropriar de si para enfrentar os desafios do processo de transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho.

O que o Han (2015) vem discutir, é que, não é que superamos completamente a sociedade disciplinar, que seria a sociedade das micro penalidades, aquela que atua no indivíduo, tentando moldar moralmente, mas, estaríamos num processo de mudança para um novo modelo de sociedade, a “Sociedade do desempenho”. Sociedade essa que é categorizada não por micro penalidades, mas por uma penalização interna, por uma espécie de EU, uma autoridade e uma punição interna, em que construiríamos psicologicamente essas regiões de punição.

Trata-se de uma questão recente da sociedade atual, o sentir-se inútil depois de um dia todo de trabalho, de estudo. Sentir-se às vezes cansado sem ter feito nada, uma reflexão curiosa da contemporaneidade. O autor afirma que os indivíduos são comparados a empresas que necessitam de produção, de serem vistas, e isso gera consequências inimagináveis (HAN, 2015). Consequências essas que o projeto de extensão Plantão Psicológico se deparou para além da organização de oferta de atendimento psicoterapêutico imediato, onde tal processo de evolução social envolve as altas exigências internas e externas ao próprio indivíduo junto com um processo de redemocratização universitária, que ainda não estruturou políticas de saúde compatíveis com a necessidade de cuidado com a saúde mental dos indivíduos, em meio a esse processo de transição entre as sociedade disciplinar e sociedade do desempenho.

Essa sociedade do desempenho, do excesso de atividade, do mundo multitarefas, acarreta problemas psicológicos graves, citando a depressão, os chamados transtornos de déficit de atenção e hiperatividade - TDAH, e ao mesmo tempo a chamada síndrome de *Burnout*, que seria caracterização do esgotamento psíquico/físico pelas atividades de trabalho. Quadros psicopatológicos que afetam principalmente aqueles indivíduos que estão a todo momento sendo vistos, independente do ambiente em que o indivíduo esteja atuando, seja ele de trabalho, de estudo, ou quaisquer outros (HAN, 2015).

Interessante salientar que na leitura sobre a sociedade do desempenho surgiria a partir

dos anos 1970 com o advento das tecnologias digitais. O aumento e a mudança do campo das Comunicações que trariam essa transição da sociedade disciplinar para sociedade do desempenho. Essa conceituação, também muito utilizada pelo autor, é para entender que estamos num processo de aceleração do tempo. Processo esse que altera a percepção do tempo nessa realidade, pois devido às multitarefas, as atividades extremamente complexas e confusas ao mesmo tempo, constituem no ser humano a percepção de uma nova realidade (HAN, 2015).

Diante do cenário apresentado, pode-se considerar que o projeto Plantão Psicológico atendeu, a partir da sua proposta inicial, a oferta do atendimento psicoterapêutico individual das demandas emergentes dos indivíduos da comunidade acadêmica, sendo assim um suporte emocional na prevenção de crises e agravamentos do sofrimento psíquico.

Porém, o desenvolvimento do projeto Plantão Psicológico teve seu tempo de desenvolvimento encerrado por tornar conhecido motivos para além da necessidade de um suporte imediato das necessidades emocionais dos indivíduos inseridos na universidade, provocando uma dificuldade na concretização da proposta inicial, como a falta de equipamentos de saúde que dessem continuidade ao cuidado em saúde mental dos universitários. O trabalho do Plantão Psicológico contou com as permissões e limitações de um projeto de extensão e não de um serviço de saúde institucional.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão Plantão Psicológico enquanto um dispositivo de cuidado desempenhou um papel fundamental no contexto universitário, tanto pelo suporte emocional imediato oferecido à comunidade universitária, quanto pela contribuição no desempenho acadêmico dos universitários que colaboraram com a implantação e desenvolvimento do projeto.

A proposta de atendimento psicológico, em formato de plantão e embasado na abordagem psicanalítica é uma prática clínica da contemporaneidade, uma oferta de cuidado que promove um espaço de escuta a alguém que apresenta sofrimento psíquico. Nesse sentido, a oferta desse espaço possibilita o restabelecimento do que foi perdido.

O trabalho do Plantão Psicológico é ajudar o indivíduo a criar condições emocionais para que, por si só, encontre seus caminhos para lidar com situações conflituosas, a partir de um espaço no qual ele possa se fortalecer e, posteriormente, continuar seu percurso.

Deixo o apontamento de que os caminhos percorridos pelos indivíduos após terem passado pelos atendimentos do Plantão Psicológico não foram sistematizados neste projeto. Esse seguimento dos itinerários de cuidado podem ser úteis para avaliar a efetividade da estratégia, sendo assim, esse poderá ser um caminho para futuras pesquisas no sentido de conectar os serviços oferecidos para o cuidado com a saúde mental.

Compreendendo a necessidade de ações, políticas e estratégias de cuidado com o indivíduo na sua completude, em especial, dentro do ambiente universitário, o Plantão Psicológico fez o papel de um dispositivo de cuidado com a finalidade de ser suporte emocional aos indivíduos, indo de encontro com a proposta da saúde coletiva, uma vez que esta tem como trabalho abranger ações e políticas voltadas para a promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde da população como um todo. Sendo assim, o Plantão Psicológico funcionou como porta de entrada para outros serviços à medida em que acolheu as demandas, preveniu o agravamento do sofrimento psíquico e buscou estratégias para realizar encaminhamentos para segmentos longitudinais, contribuindo, então, para a promoção de saúde e bem estar do indivíduo.

Desta forma, concluímos que a estratégia apresentada neste caso pode ser adotada no contexto universitário no sentido de ampliar as ações de cuidado em saúde mental.

Referências

ARINO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicol. pesq. [online]**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018.

BLEICHER, T.; OLIVEIRA, R. C. N. Políticas de assistência estudantil em saúde nos instintos e universidades federais. **Psicol. Esc.**, v. 20, p. 543-549, 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n3/2175-3539-pee-20-03-00543.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm . Acesso em: 12 out. 2020.

BRENTANO, J.; EVANGELISTA, P. E.; VIANA, G. O Plantão Psicológico e Sofrimento Universitário: Um estudo fenomenológico. **Rev. NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v.14, n.1, 2022. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22868>. Acesso em: 11 mai. 2020.

CARNEIRO, V. T. Plantão Psicológico: uma modalidade clínica no Serviço de Psicologia da UFRB. *In*: AIRES, S.; KURATANI, S. O Serviço de Psicologia na Universidade. 2. ed. Cruz das Almas: Editora ufrb, 2019. 105-118 p. v. 1.

CARVALHO, A. R. R. F.; LIMA, F. L. A.; PIRES, G. M. Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada: uma revisão integrativa. **Rev. Saúde e Ciência online**, v. 9, n. 1, p. 152-169, 2020.

CORREIO, L. C. de A. Assistência estudantil na política de Educação Superior no Brasil. **Rev. Bras. Ensino Super.**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 44-63, abr./jun. 2018.

DAHER, A. C. B.; *et al.* Plantão Psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. **Semin.: Ciênc. Soc. Hum.**, Londrina, v. 38, n. 2, p. 147-158, jul/dez. 2017. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/32074>. Acesso em: 05 jul. 2019.

FERRO, A. **Na sala de análise: emoções, relatos, transformações**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1998. 252p.

FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“O CASO SCHREBER”)** In: Artigos sobre a técnica e outros textos [1913-1916] - Obras Completas. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019, Volume 10.

FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. Freud online. V.12. 2006. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-12/vol-xii-4-a-dinamica-da-transferencia-1912/#hide>. Acesso em: 11 mai. 2020.

FREUD, S; BREUER, J. **Estudos sobre histeria (1893-1895)**. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **O sentido dos sintomas**. Edição standard das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O Inquietante (1917 – 1920). In: FREUD, S. **Obras Completas Volume 14** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FURIGO, R. C. P. L. *et al.* Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 185-192, dez. 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2021.

FURTADO, B. T. *et al.* Autoetnografia colaborativa em tempos de pandemia: uma experiência de ensino aprendizagem terapêutica e decolonial. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 26, e210140, 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. Saúde Colet.**, v. 24, n. 4, p.1327-1346, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgkYpwXvHx3B3b/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 mai. 2021.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução: Pedro Tramen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAPOLLI, C. A. R.; GOMES, Q. S. Escuta Psicológica nas organizações: Acolher, orientar e encaminhar. **Reposit. Universit. Ânima**, p. 01-28, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16595>. Acesso em: 11 mai. 2020.

MEZAN, R. Psicanálise e psicoterapias. **Estud. Av.**, v. 10, n. 27, p. 95-108, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000200005>. Acesso em: 17 mai. 2021.

MIGLIAVACCA, E. M. Breve reflexão sobre o setting. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 219-226, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2023.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. **Psic. USP**, São Paulo, v.19, n.1, jan./mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100012. Acesso em: 06 abr. 2019.

ORTOLAN, M. L. M. *et al*. Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 147-158, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 mai. 2022.

QUINODOZ, J. M. Fatos clínicos ou fatos clínicos psicanalíticos? **Rev. Bras. Psicanal.**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 613-634, 1994.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão Psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Rev. da Abordagem Gestált.**, Natal, v. 16, n. 1, p. 19-28, jan./jul., 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a04.pdf>. Acesso em: 23 mai.

2021.

ROSÁRIO, A. B. do; NETO, F. K. Plantão Psicológico em uma clínica escola de psicologia: saúde pública e psicanálise. **Revista A Peste**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/30463>. Acesso em: 23 mai. 2021.

ROSENBERG, R. L. Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa. *In*: MORATO, H. T.G. **Abordagem Centrada na Pessoa: Teoria ou Atitude na Relação de Ajuda?** São Paulo:

Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1987. cap. 2, p. 25-42. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UDyWLhn1lFwC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Aconselhamento+Psicol%C3%B3gico+Centrado+na+Pessoa.&ots=GeQuUnyYXi&sig=YHyOHEpQRfHXzmJ0iHErJ4xDAsI#v=onepage&q=Aconselhamento%20Psicol%C3%B3gico%20Centrado%20na%20Pessoa.&f=false>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SANTOS, M. A. A transferência na clínica psicanalítica: A abordagem freudiana. **Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p.13-27, ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 mai. 2020.

SCHMIDT, M. L. S. Planta psicológica, universidade pública e política de saúde mental. **Viga. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 23 mai. 2021.

SILVA, C. M.; MACEDO, M. M. K. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. *Psicol., ciênc. prof.*, v. 36, n. 3, p. 520-533, 2016.

SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2024.

VASCONCELOS, N. B. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da Assistência Estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 599-616, 2010. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/11361/6598>. Acesso em: 10 jul. 2019.